Discurso do ministro do Turismo, Gastão Vieira, por ocasião da reunião dos ministros do Turismo da CPLP

Queremos inicialmente agradecer ao Governo de Moçambique, em particular ao Ministério do Turismo, pela excelência da organização deste evento, pela agradável convivência, enfim, pela hospitalidade deste nosso encontro.

Senhor Ministro Carvalho Muária, nosso anfitrião, em cujo nome cumprimento os demais colegas Ministros e autoridades do Turismo aqui presentes,

Senhoras e Senhores,

Durante muito tempo, nós, na África e na América Latina, fomos habituados a ver nossos países como laboratórios de receitas de desenvolvimento fracassadas. Elas provinham de todos os matizes ideológicos, mas tinham algo em comum: quase sempre eram gestadas no Norte e aplicadas no Sul. Essas fórmulas mágicas invariavelmente resultaram em crises, cujos efeitos ainda se fazem sentir na América Latina e, mais acentuadamente, no continente africano.

Hoje o mundo tenta se equilibrar em meio a uma nova crise. Desta vez, produzida nos países ricos e ali notada com mais força.

Não devemos nutrir ilusões sobre o atual momento econômico: não se vislumbra no horizonte um fim para a crise atual, e todos os países são por ela afetados, em maior ou menor grau. Porém, impõe-se reconhecer que as nações menos atingidas foram justamente aquelas que, rejeitando as fórmulas prontas de desenvolvimento e os “consensos” de outros tempos, buscaram seu próprio caminho.

No Brasil, o modelo de incremento do gasto social ao longo da última década, combinado a uma política monetária responsável e ao combate incessante à inflação, produziu avanços significativos. Elevamos mais de 40 milhões de pessoas à classe média; o poder aquisitivo da população aumentou 47% somente entre 2005 e 2011; tiramos 22 milhões de pessoas da pobreza absoluta, eliminando a chamada miséria visível do País.

O fim da miséria, porém, não é o fim da guerra. É preciso ampliar a inclusão da população, qualificá-la profissionalmente, aumentar a competitividade de nossos produtos e gerar riqueza e renda. É preciso retomar o crescimento econômico de forma sustentada e sustentável, preservando nosso patrimônio natural. E não há melhor e mais rápido instrumento para isso do que o turismo.

A Organização Mundial do Turismo aponta que, mesmo com a crise, o setor deve crescer entre 3% e 4% neste ano, no mundo. No Brasil, o turismo cresceu três vezes mais do que o Produto Interno Bruto no ano passado. Empregamos, atualmente, quase 3 milhões de pessoas em atividades relacionadas. A estimativa para este ano é de que o turismo no Brasil cresça mais 5%, acima da média mundial, e, mais uma vez, acima do nosso PIB.

O Brasil hoje é a sexta maior economia turística do mundo. Almeja tornar-se a terceira em 2022. Para isso, urge aproveitar os investimentos que estão sendo feitos em infraestrutura aeroportuária, portuária, rodoviária e de mobilidade urbana para os grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014. Vimos buscar inspiração e aprendizagem aqui, no continente africano: na África do Sul, vizinha de Moçambique, que soube utilizar o legado do Mundial de 2010 para incrementar suas receitas turísticas.

Estou convencido de que o maior trabalho do Ministério do Turismo começa no momento do apito final do último jogo. Porém, precisamos agir muito antes disso, e com determinação, para eliminar os gargalos à competitividade do turismo brasileiro. Estes se fazem sentir na infraestrutura de transportes e no ambiente de negócios, em particular na tributação.

Este último é um nó que o governo brasileiro tem dado passos concretos para desatar. Em 2012, incluímos a hotelaria, o transporte aéreo e o transporte rodoviário de passageiros num pacote de desoneração fiscal. Estão em estudo também benefícios para bares e restaurantes e parques temáticos. Reduzimos as tarifas de energia elétrica, algo de especial importância para a hotelaria. Criamos um sistema de comércio exterior de serviços que representa o primeiro passo para que o Brasil possa desonerar também o turista, permitindo a devolução de parte dos gastos feitos em serviços no País.

Na área de infraestrutura para a Copa, o Brasil espera investir mais de US$ 16 bilhões, com a geração de 710 mil empregos, para receber cerca de 600 mil turistas estrangeiros.

Não basta, porém, resolver entraves; é preciso também potencializar as nossas vantagens comparativas. Uma delas é nosso pujante mercado interno, composto por uma classe média que já representa metade da população. Só agora essas pessoas começam a consumir turismo. Queremos fazer os brasileiros viajarem pelo Brasil. Para isso, estamos retomando nas próximas semanas os programas de incentivo a viagens em baixa temporada, a começar pelo Viaja Mais Melhor Idade. Esse programa, além de dois outros que lançaremos ainda neste ano, voltados a jovens e a trabalhadores, integra ofertas na baixa temporada, vantagens exclusivas e crédito diferenciado. Dessa forma, poderemos aumentar a taxa de ocupação dos voos domésticos e dos hotéis, o que, esperamos, terá um efeito colateral de reduzir as tarifas.

O governo brasileiro elegeu 27 parques nacionais em torno das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 como prioritários para ações de estruturação turística. O Ministério do Turismo, em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, planeja facilitar a visitação dessas unidades e capacitar seus funcionários para o receptivo de turistas. A riqueza natural é um fator que o Brasil e os países africanos têm em comum. Cumpre aproveitar essa riqueza para o turismo numa estratégia conjunta no âmbito da CPLP.

O turismo tem um forte potencial não só de gerar emprego e renda nos países de língua portuguesa, mas também de nutrir a fraternidade que já existe naturalmente entre nossas nações. O Brasil já realizou diversos projetos de cooperação bilateral no setor com Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, para capacitação em hotelaria, parques, apoio à infraestrutura aeroportuária e artesanato. Podemos fazer muito mais. Queremos fazer muito mais. É nossa convicção que o intercâmbio de experiências, de ambos os lados do Atlântico, constitui instrumento de valia inestimável para o desenvolvimento social e econômico de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Nossa visão é que o setor de viagens e turismo ajude a criar em nossos países economias fortes, mercados consumidores saudáveis e um ambiente de negócios atraente e confiável.

A solução está ao nosso alcance. O caminho se abre diante de nós. Mas precisaremos trilhá-lo nós mesmos, com estratégia, responsabilidade e sentimento de comunidade. A propósito, gostaria de lembrar que a visibilidade proporcionada pelos grandes eventos esportivos e religiosos que se realizarão no Brasil a partir de junho deste ano beneficiará o conjunto dos países irmanados pela língua, aqui hoje reunidos nesta acolhedora cidade de Maputo.

Devemos aproveitar a oportunidade para o desenvolvimento de estratégias comuns. A viagem é desafiadora. Os companheiros, porém, são os melhores possíveis.

Muito obrigado.